

Jogos da bola «RIVER YEO»

ANDEBOL

A chuva, que se não decide a acabar, tem prejudicado grandemente o campeonato da modalidade, atrasando-o de maneira que começa já a ser incompatível com a sequência normal da temporada. Claro que do caso ninguém pode ser culpado, mas isso não impede que comecemos a enfrentar a provável situação futura.

Estará o campeonato regional concluído antes da data estabelecida para o início da competição nacional? Recordemos que as associações concorrentes pretendem participar, cada uma, com três representantes, o que dará à prova federativa uma duração mínima de dez semanas; que não deixará de celebrar-se o tradicional Porto-Lisboa em duas mãos e, ainda, que é quase segura a vinda a Lisboa da seleção de Barcelona e possível a deslocação de um grupo de Lisboa a Espanha e França.

Tudo isto para realizar antes do encerramento da época. Se a chuva não se emerceia de nós, não sabemos como vai ser.

No domingo passado apenas se disputou um encontro de segunda categoria e outro da 1.ª divisão. Os campos foram todos considerados incapazes para a prática da modalidade.

Esta era a primeira jornada da segunda volta do torneio, no qual o Belenenses ocupava a chefia da classificação, preparando-se para reconquistar um título que já foi seu; gozando do benefício da empate entre o Sporting e o «Cuf», basta-lhe vencer um dos rivais — independentemente dos outros adversários menos agueridos, mas sempre perigosos —, para ficar senhor do campeonato ambicionado.

Na 1.ª Divisão, o Alameda leva dois pontos de vantagem sobre o Glória, equipas ambas que ainda não conheceram a amargura da derrota. O resultado final, dependendo do choque entre os dois, parece de antemão incerto, pelo equilíbrio de valores.

Esperemos pelo termo da inverno para que o andebol possa prosseguir normalmente o seu caminho. Ou, então, acelimos-lo como jogo aquático.

VOLEIBOL

Prejudicada embora a sua marcha pelo mau tempo insistente, as séries eliminatórias do Torneio de Preparação atingiram praticamente o seu termo, ficando apurados para a lista final o Técnico — como não podia deixar de ser — e o Alenau.

No decurso desta prova registraram-se por parte da entidade organizadora algumas fantasias que nos merecem reparo.

Em primeiro lugar, consentiu — ou sancionou, o resultado é o mesmo — que a equipa do Sporting disputasse no mesmo dia dois encontros, contra o Benfica e o Internacional, o que é formalmente proibido pelo Regulamento da Direcção Geral dos Desportos, que

considera tal falta severamente punível.

Consentiu ainda a Associação, por outro lado, que um concorrente disputasse os seus encontros não alinhando no segundo jogo e disputando, por haver vencido o primeiro, depois o de desempate. A decisão não tem sentido comum; o encontro consta obrigatoriamente de dois jogos e, eventualmente, de um terceiro em caso de igualdade; mas só pode, portanto, considerar-se terminado após esses dois jogos e a falta de um dos adversários à segunda metade anula todos os efeitos precedentes e equivale a abandono ou desistência.

Discordamos ainda do critério seguido pela Associação para preenchimento das vagas verificadas na Divisão de Honra; porque no campeonato de 1946 os concorrentes foram apenas sete (falta da Parede, que se não inscreveu), subiu automaticamente o Lisboa Glorioso, e porque o Internacional abandonou o torneio na primeira jornada e o regulamento diz que os clubes nesses circunstâncias baixam de divisão, ascendeu mais o Oriental.

Agora, no momento do sortelo, constata-se a ausência da Promotora, criando terceira vaga, e vai-se buscar o Olímpico, terceiro classificado na Primeira Divisão em 1946.

Surge aqui o nosso desacordo, pois preferiríamos e nos parece mais justo que se conservasse — por tradição, por direitos adquiridos, por lógica até — o velho Internacional no seu posto.

A decisão está tomada, porém, e resta-nos confiar em que tantos novos promovidos saibam empregar no campeonato o brilhantismo necessário à sua categoria.

José de Eça

XADREZ

O Torneio dos Mestres

foi ganho por FRANCISCO LUPI e Gabriel Ribeiro

Há pouco mais de um mês, quando do Campeonato de Lisboa, insurgimo-nos, na crónica do Torneio, contra a homologação do título que premiou o vencedor dessa prova. Fomos talvez audaciosos em abordar assunto de tal natureza, mas confiámos no fundamento da nossa reclamação. O Torneio dos Mestres do Sul, agora finalizado, veio reforçar o nosso ponto de vista.

Sem dúvida alguma, esta foi a prova máxima do Xadrez lisboeta. O torneio anterior, com tal elenco, foi apenas como que um ensaio. Deram-lhe as seguintes utilidades: apurar 3 candidatos à Categoria de Mestre... e classificar o vencedor, conferindo-lhe o título de Campeão de Lisboa. O triunfo pertenceu a Carlos Pires. E no Torneio dos Mestres, Carlos Pires classificou-se em 7.º lugar, atrás de todos os mestres inscritos!

Nada de extraordinário houve neste caso. No campeonato de Lisboa, somente defrontou 2 mes-

tres — João de Moura e Gabriel Russell — e pouco mais de meia dúzia de jogadores da 1.ª categoria. Pires venceu quase todos estes, perdeu com Moura e ganhou a Russell que afinal veio a desistir do Torneio. No Torneio dos Mestres, Moura voltou a ganhar-lhe e Russell a perder... e a desistir também! Simplesmente, em lugar dum Marçal Rocha ou dum Albino Martins, estiveram presentes um Lupi e um Pias. E a luta foi dura e condigna. Venceu o melhor: Francisco José Lupi. E porque não jogou Francisco Lupi o Campeonato de Lisboa? — Porque não lhe interessava! Não é um título regional que ele cobra, mas o de Portugal, e em luta contra jogadores de força semelhante. E, como ele, pensam muitos outros. A perspectiva duma prova mais ou menos monótona contra adversários de mediana força não lhes oferece atractivos que os convençam a tomarem parte nessa competição.

(Continua no próximo número)

Famoso puro sangue inglês de extraordinária ascendência

foi adquirido por Vítor Reynolds e já se encontra em Portugal

Para o desenvolvimento do hipismo em Portugal e para o aperfeiçoamento das raças cavallares, nem só o Governo se está preocupando. Também algumas coudelarias particulares cuidam do assunto com esmerado interesse, procurando adquirir animais de boa categoria que sirvam para reprodução e que, portanto, contribuam para o desenvolvimento que pretende dar-se ao nosso desporto equestre.

Vítor Reynolds, súbdito britânico residente no nosso país, de caixas coudelarias, em Estremoz, tem saído cavalos da categoria de «Spahis», «Storm», «Double R», «Hope», «Cirano», «Alvor», «Spitfire» e «Tobruk», este último tão nosso conhecido em provas de obstáculos, quer montado por Guilherme Ivens Ferrez, quer conduzido pela filha deste concursista, D. Maria Teresa, acaba de adquirir, por alto preço e depois de porfiados trabalhos, um magnífico exemplar de puro sangue inglês — que, apesar de ter apenas quatro anos, se classifica em todas as provas em que entrou, alcançando também primeiras classificações.

Ao sabermos da chegada a Lisboa do «River Yeo», fomos vê-lo, visto tratar-se de um exemplar de alto valor cuja saída de

Inglaterra só foi possível mediante uma licença especial e depois de se reconhecer que a lista de puros sangues não ficava sensivelmente empobrecida.

Trate-se de um lindo cavalo, de quatro anos, como dissemos,



«River Yeo»

castanho escuro e frente estrelada, com 1,61 de altura, utilizado pelo seu proprietário em Inglaterra major Claude Knight, nos corridas mais severas, isto é, nos de maiores distâncias — sempre superiores a três milhas — e com mais de oitenta quilos de peso em cimo.

A aquisição do «River Yeo», só possível devido à acção do tenente-coronel Leslie, antigo adido militar inglês, despertou vivo interesse nos meios hípicas nacionais. O seu «pedigree» é famoso.

Filho de «River Prince» e de «Bonford», o bonito animal é neto materno do famoso ganhador «Blandford» e trineto do ainda mais famoso «Persimmon», que pertencea ao rei Eduardo VII e que ganhou o «Derby» de 1909, uma das maiores se não a maior competição hípica da Inglaterra.

O «River Yeo», que rapidamente se recompôs das agruras da tormentosa viagem que realizou, seguiu já para Estremoz. Vítor Reynolds, que amavelmente nos deu estes esclarecimentos, espera que o seu novo cavalo seja, num futuro próximo, o ascendente de algumas boas montadas de desporto, principalmente de cavalos de concurso, dado o pouco desenvolvimento das corridas em Portugal.

Isso lhe desejamos muito sinceramente.